



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

JOVEM DE “PERIFERIA” COMO O OUTRO NA MÍDIA: ASSIMETRIAS E LEITURAS DISSONANTES

Youth of "periphery" as the other in the media: inequality and dissonant readings

*Jóvenes de "periferia" como el otro en los medios de comunicación:
desigualdad y lecturas disonantes*

Rosaly de Seixas Brito

Professora da Universidade Federal do Pará
rosalysbrito@gmail.com

Danila Gentil Rodriguez Cal

Professora da Universidade Federal do Pará
danilagentilcal@gmail.com

Alda Cristina Silva da Costa

Professora da Universidade Federal do Pará
aldacristinacosta@gmail.com

Resumo

Busca-se compreender como são construídas no espaço de visibilidade midiática representações simbólicas sobre os jovens, em especial, os que vivem em bairros periféricos e como esses sujeitos dialogam com essas representações. A pesquisa focaliza o contexto paraense e parte de dois eixos de investigação: (1) percepções de jovens de Belém sobre os media, apreendidos por entrevistas individuais; e (2) análise da cobertura midiática dos principais jornais locais (O Liberal e Diário do Pará). Ao todo, foram analisadas 408 matérias que faziam referência a jovens e/ou juventude(s). Conclui-se que as representações midiáticas em torno dos jovens oscilam entre extremos, distinguindo com clareza efeitos de sentidos sobre jovens pobres e negros, por um lado, e brancos e abastados, do outro, e que os jovens entrevistados constroem leituras dissonantes acerca do conteúdo discursivo dos *media*.

Palavras-chave: Juventude(s). Representações midiáticas. Enquadramentos.

Abstract

We seek to understand how are built in the media space of visibility symbolic representations about the young, in particular, living in suburbs and how young people dialogue with these representations. The research focuses on the *paraense* context and has two research areas: (1) youth perceptions of the media, seized by individual interviews in Belém (PA); and (2) analysis of media coverage of major local newspapers (O Liberal and Diário do Pará). In all, 408 news that made reference to youth and / or youth (s) were analyzed. We conclude that the



media representations about the youth (s) oscillate between extremes distinguishing clearly the poor and black youth on the one hand, and the white and rich on the other, and that young people interviewed build dissonant readings about the media discursive content.

Key words: Youth (s). Media representations. Frames.

Resumen

Buscamos entender cómo se construyen en el espacio de visibilidad mediática representaciones simbólicas sobre los jóvenes, en particular, los que viven en suburbios y cómo los jóvenes dialogan con estas representaciones. La investigación se centra en el contexto *paraense* y parte de dos áreas de investigación: (1) percepciones de la juventud de Belém (PA) acerca de los medios de comunicación, incautados por entrevistas individuales; y (2) el análisis de la cobertura mediática de los principales periódicos locales (O Liberal y Diário do Pará). En total, se analizaron 408 noticias que hizo referencia a la juventud y / o joven (s). Llegamos a la conclusión de que las representaciones de los medios acerca de lo (s) joven (s) oscilan entre extremos desde clara distinción entre sentidos acerca del joven pobre y negro, por un lado, y los blancos y ricos en el otro, y que los jóvenes entrevistados construir lecturas disonantes sobre el contenido discursivo de los medios de comunicación.

Palabras clave: Juvenil (s). Representaciones mediáticas. Encuadres.

1 INTRODUÇÃO

A mídia não consegue mostrar o lado bom, ela só ataca o que há de ruim. Ela só vai em mortes, assassinatos, tráfico de drogas, tem até programas que são só para mostrar a desgraça nos bairros. Não sabem mostrar o que há de bom no bairro. Então, o jovem que mora no bairro não presta, é ladrão, você não vê o jovem como alguém que queira um futuro. Se fala de Terra Firme [bairro], se fala de juventude, se fala de ladrão. Não são pessoas de bem (Vinícius, 22 anos, informação verbal¹)

Vinícius é um jovem do bairro da Terra Firme, em Belém (Pará), muito populoso e situado em área considerada periférica da cidade. A fala dele é representativa da discussão que desenvolvemos neste artigo. Para Vinícius, como o lugar onde mora ganha destaque no noticiário local pelas ocorrências violentas, os jovens que residem nessa área são, de modo quase imediato, associados à delinquência e à marginalidade. Nesse sentido, haveria um silenciamento simbólico do jovem de *periferia*², o que lhe negaria a possibilidade de ser

¹Coletada por meio de entrevista em 15/02/2012.

²A noção de periferia, pensada sempre no par *centro-periferia*, precisa ser problematizada, do mesmo modo como o rótulo de *periféricos* atribuído aos moradores dessas imensas áreas ao redor das grandes metrópoles brasileiras. Ao mesmo tempo em que afirmamos a pertinência e necessidade dessa problematização, partimos do princípio, neste texto, concordando com Ananda Stücker, que a noção de periferia, tanto quanto a de favela, acabou se configurando como um “tipo ideal” “na compreensão da espacialização da pobreza nas cidades brasileiras”, narrada na televisão, no cinema e na mídia em geral como o “locus privilegiado e visível da desigualdade social no país”, com imagens que modelam o imaginário social e político contemporâneo

percebido “como alguém que queira um futuro” que não seja o envolvimento com a criminalidade.

Essa percepção alimentou, de certo modo, a proposta que apresentamos neste artigo. Interessa-nos compreender como são construídas no espaço de visibilidade midiática representações simbólicas sobre os jovens, em especial, aqueles que vivem em bairros periféricos, e como estes dialogam com essas representações. Questionamos especificamente: quais os sentidos sobre a juventude que ganham relevância nos jornais? Qual o lugar de fala desses sujeitos no noticiário? E como essas representações podem reverberar na (des)estabilização de hierarquias sociais de valor, que determinam, em grande medida, o papel e lugar dos sujeitos em nossa sociedade?

Sociologicamente falando, a categoria jovem só pode ser apreendida na sua dimensão relacional e histórica, pois o pertencimento a uma geração, ainda que possa gerar regularidades na maneira de os indivíduos de uma mesma faixa etária se autoidentificarem e partilharem um determinado quadro de valores e referências da geração a que pertencem, não pode ser visto de maneira homogênea. “Jovens de idades iguais vivem juventudes desiguais”, como assinala Novaes (2006, p. 105). Portanto, em que pese o fato de soar como algo já dado, a juventude não pode ser tomada como condição natural ou biológica dos seres humanos que pertencem a este segmento etário. Ao contrário, trata-se de uma construção social, que varia de acordo com determinantes histórico-culturais, verificando-se relativa fluidez de fronteiras etário-geracionais conforme o contexto. “[...] Há várias maneiras de “ser jovem”, como também de “ser velho” [...] Todas essas categorias e sua duração são discutíveis e sujeitas a constantes revisões, redefinições, reinterpretções” (VELHO, 2006, p. 194). É com esse entendimento que trabalhamos neste artigo.

Consideramos que os *media* articulam e põem em circulação formas hegemônicas de representar a sociedade (MOUILLAUD, 2012; FOUCAULT, 2008; GIDDENS, 2002). Nesse sentido, estabelecem quem são seus *outros* e, em torno deles, um quadro de referências simbólicas, que tende a amplificar e reiterar estigmas e discursos presentes no espaço social. As fronteiras entre o normal e o patológico, entre a regra e o desvio são tecidas discursivamente na enunciação midiática. Segundo Becker (2008), o fato central a ser considerado sobre o desvio é que ele é criado pela sociedade, não no sentido do senso comum de que as raízes ou causas deles sejam de ordem social. Assim, “O desvio não é uma

(STÜCKER, 2009, p. 7). Assim como a sociedade dita quem são os *outsiders* da ordem estabelecida, a noção de *periferia* tem seu significado imposto pelo *centro* no espaço social, não sendo, portanto, algo já dado a priori.

qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um `infrator´. O desviante é alguém a quem este rótulo foi aplicado com sucesso” (BECKER, 2008, p. 21-22). A intrínseca relação entre os *media* e o tecido social permitem-nos pensar como esses atuam na conformação do que é considerado desvio ou norma.

Dessa forma, os *media* podem ser entendidos como ambientes nos quais ocorrem trocas, negociações e disputas simbólicas (MAIA, 2008; 2012; GOMES, 2004). Por um lado, como afirma Maia, a esfera de visibilidade midiática “fornece um vasto e profícuo campo para explorar os conflitos e as tensões existentes entre os indivíduos e grupos, [...] para redefinir as fronteiras entre o público e o privado, para proteger ou desafiar culturas e práticas, identidades e valores” (MAIA, 2008, p. 118). Por outro, os discursos mobilizados e construídos no espaço de visibilidade midiática podem contribuir para reforçar o estigma e o preconceito.

Recorre-se também a Bourdieu (1975; 1989; 2000; 2007), que, ao explicar o sentido da dominação social, propõe a noção de violência simbólica, para compreender o mecanismo que faz com que os indivíduos vejam como “naturais” as representações ou as ideias sociais dominantes. Conforme o autor, a violência simbólica é desenvolvida pelas instituições e pelos agentes, incluindo a mídia, que a produzem e sobre a qual se apoia o exercício da autoridade.

Dessa relação de domínio, identifica-se, segundo Bourdieu (1989), uma forma de coação que se apoia no reconhecimento de uma imposição determinada, presente em quaisquer relações de poder. Assim, a violência simbólica se consolida na produção contínua de crenças no social, que induz o indivíduo a se conformar aos critérios e aos padrões do discurso dominante. O dominado não se vê numa relação de força, imposta por regras e normas; ao contrário, aceita-as como inevitáveis e naturais. Nesse sentido, a dominação é concebida como a forma mais insidiosa exercida pela violência simbólica, afirma Bourdieu (1989).

Este artigo parte, então, das premissas teóricas acima para analisar as representações midiáticas sobre o jovem residente em bairros de periferia, em diálogo com as percepções desses sujeitos sobre a atuação dos *media*. Investiga-se de modo específico o cenário paraense, que apresenta altos índices de violência urbana e de homicídios de jovens (WAISELFISZ, 2014)³. Foram considerados dois eixos de investigação: o primeiro baseado

³Segundo o Mapa da Violência de 2014, o número de assassinatos cresceu 213,5% entre 1998 e 2012 no Pará e a maioria dos óbitos juvenis no Pará (77,9%) foi causada por homicídios (WAISELFISZ, 2014).

nas percepções de jovens de Belém sobre os *media*, apreendidos por entrevistas individuais com viés etnográfico⁴; e o segundo, focado na análise da cobertura midiática dos principais jornais locais (O Liberal e Diário do Pará) sobre jovens. Para operacionalizar a investigação, recorreremos ao conceito de enquadramento proposto por Goffman (2012), de modo a compreender como os jornais paraenses mencionados enunciam os jovens. Interessa-nos examinar os quadros de sentido que as narrativas constroem, induzindo a certa interpretação dos fenômenos sociais.

Relevante mencionar que este trabalho é fruto da releitura interdisciplinar a partir de abordagens da Comunicação, da Antropologia e da Sociologia de um recorte específico de uma pesquisa de maior fôlego conceitual e analítico (BRITO, 2014). Somam-se a esse estudo inicial contribuições das autoras sobre mídia e violência (COSTA, 2010) e sobre os lugares de fala de adolescentes trabalhadoras nos *media* (CAL, 2015; 2016).

O artigo estrutura-se em duas partes principais. Na primeira, discutimos desigualdades a partir da distinção entre estabelecidos e *outsiders* formulada por Elias (2000) e apresentamos percepções dos jovens entrevistados acerca da representação da juventude nos *media*. Na segunda, apresentamos o referencial do enquadramento a partir de Goffman (1974; 2012) que nos permitirá pensar na relação entre quadros de sentidos, tecido social e o lugar dos *media*. Em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos que adotamos para examinar os materiais jornalísticos investigados e desenvolvemos a análise propriamente.

2 LEITURAS A CONTRAPELO

Pode-se dizer que as narrativas midiáticas instituíram novas formas de se imaginar as cidades e o mundo, e de cada indivíduo imaginar-se a si mesmo como pertencente ou excluído dos fluxos hegemônicos da vida social. Linhas imaginárias separam os que fazem parte desses fluxos – os *insiders*, ou estabelecidos – e os que estão deles apartados – os *outsiders*, nos termos de Elias (2000). Segundo Neiburg, “Superioridade social e moral, autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão são elementos dessa dimensão da vida social que o par estabelecidos-*outsiders* ilumina exemplarmente: as relações de poder (NEIBURG, 2000, p. 8). O autor sintetiza a tese central formulada por Elias (2000), de que a desigualdade entre grupos e indivíduos e o fato de uns se considerarem superiores a outros são marcas universais

⁴A pesquisa de campo foi conduzida por Rosaly Brito.

das sociedades humanas, que podem variar em grau, mas guardam sempre alguns traços de semelhança entre si:

Quase todos os grupos humanos tendem a perceber determinados outros grupos como pessoas de menor valor do que eles mesmos. O grau de estigmatização pode variar de um caso para o outro, e as ações que devem tornar claro para o grupo outsider o fato de seus membros serem um objeto de maior desprezo podem ser ruidosas e bárbaras, ou aparecerem em uma tonalidade mais amena. Seja como for, relações estabelecidos-outsidere sempre têm algo em comum (ELIAS, 2000, p. 199).

A tensão que marca essa interdependência e a desigualdade entre estabelecidos e *outsiders* pode estar ligada a diversos tipos de relação – entre classes, entre grupos étnicos e nações, entre jovens e adultos, pais e filhos, colonizados e colonizadores, homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais, dentre outros pares possíveis. As representações que circulam socialmente em torno desses antagonismos ou tensões em geral são estigmatizantes em relação ao grupo que detém a menor parcela de poder na relação. Essa conceituação se aproxima, de certo modo, da proposição de Becker (2008) acerca do padrão social de construção do que seria o desvio e o que seria a norma.

Embora os aparatos midiáticos contemporaneamente cumpram um papel fundamental no estabelecimento das linhas divisórias entre os *insiders* e os *outsiders* da ordem urbana, os jovens que foram entrevistados ao longo do ano de 2012 na Região Metropolitana de Belém⁵ demonstraram ter clareza disso quando o que está em foco na mídia são eles próprios e seus modos de vida. Vinícius, cuja fala introduz este artigo, por exemplo, afirma sentir na própria pele o estigma e conhece o peso de ser tomado como um *outsider*. É o que Zaluar e Leal (2001) entendem como o contexto social e institucional da violência, ou seja, violência como o não reconhecimento do outro, como anulação ou cisão do outro, como negação da dignidade humana. Esse “outro” é alguém de quem a sociedade, de modo geral, quer distância.

Vinícius relatou ainda que, durante uma entrevista de emprego, perguntaram em que bairro morava. Quando ele respondeu que era “da Terra Firme”, a psicóloga e o dono da empresa, que estavam de vista baixa, levantaram os olhos e o examinaram dos pés à cabeça. Em muitas ocasiões, Vinícius contou que não conseguiu emprego pelo simples fato de ser morador desse bairro. Jovens de outros bairros periféricos vivem a mesma discriminação, segundo ele.

⁵Foram interlocutores da pesquisa 16 jovens, de ambos os sexos, de treze bairros diferentes da Região Metropolitana de Belém, das camadas médias e populares, com idades variando entre 17 e 24 anos. Os nomes foram trocados para preservar a identidade deles.

Diogo e Elvis, jovens também moradores de bairros periféricos igualmente estigmatizados como *violentos* em Belém (Benguí e Canudos, respectivamente), compartilham a mesma percepção de Vinícius. Segundo Diogo, a mídia investe no que ele chama de um “projeto de desconstrução social da juventude”.

A mídia vem no sentido de fortalecer a imagem negativa, problemática, sem nenhum compromisso de construir uma nova imagem [...] O que vende hoje é a criminalidade; ela é o produto, e a ferramenta da criminalidade é o jovem, que vem também de um processo de exclusão, de desigualdade, de negação dos direitos (Diogo, 24 anos, entrevista concedida em 07/02/2012).

A mídia quer sempre mostrar que a maioria dos jovens são tudo perdido, são todos pessoas que não têm responsabilidade e eu não concordo com isso. Eu me considero um jovem responsável e tem vários jovens assim, mas a mídia só quer mostrar as coisas ruins. (Elvis, 18 anos, entrevista concedida em 27/09/2012).

Os depoimentos de Diogo e Vinícius revelam o peso subjetivo e social do estigma em torno dos jovens que moram em bairros pobres e periféricos, pois isso faz parte de sua experiência cotidiana. Também denunciam o quanto são negligenciadas ou obscurecidas na cobertura midiática as experiências positivas dos jovens que vivem nesses espaços. Os aspectos ressaltados quase sempre são os negativos, frutos da associação direta que é feita entre jovem que mora na periferia e criminalidade. Essa percepção se torna tanto mais aguda quanto mais perto o jovem vive da realidade retratada, o que o faz recusar a identidade deteriorada que se lhe quer atribuir.

Transparece ainda nos três depoimentos a percepção de que os *media* buscam instituir verdades, que podem se tornar tácitas e se naturalizarem. A fala de Nara, outra jovem participante da pesquisa, sintetiza essa compreensão: “[o jovem na mídia] ou é branco, portador de aparelhos eletrônicos, celular, carro, bem vestido. Ou então é o extremo, mais marginalizado, que tende ao crime” (23 anos, entrevista concedida em 17/07/2012).

As apreciações dos jovens acima evidenciam como, embora hegemônicos, os sentidos propostos pela enunciação midiática⁶ são sempre negociados, e não tomados tal e qual são

⁶Para a discussão proposta neste artigo é fundamental estabelecer a diferença entre enunciado e enunciação, nos termos de Verón (2004). Não se trata de concebê-los de forma separada, já que integram um par enunciado/enunciação, e sim de entender que são de ordens distintas. Nas palavras de Verón: “A ordem do enunciado é a ordem *do que é dito* (aproximadamente, poder-se-ia dizer que o enunciado é da ordem do “conteúdo”); a enunciação diz respeito não ao que é dito, mas ao *dizer* e suas modalidades, os *modos* de dizer” (VERÓN, 2004, p. 216, grifos do autor). Os elementos que compõem a enunciação estão intimamente ligados à “situação de enunciação”. As modalidades do dizer compõem o que ele chama de *dispositivo de enunciação*, que

ofertados, sem filtros e ressignificações. Quando se trata de produções discursivas, há sempre rasuras, tensões e reelaborações por parte dos sujeitos que interagem com esses discursos.

De acordo com Hall (2003), jamais pode haver *grau zero* quando se trata da linguagem, qualquer que seja o código operado. Em outras palavras, a fidelidade da representação à coisa ou conceito representado é irrealizável, pois que o efeito ou o resultado do que é dito só pode se consumir em certa articulação específica da linguagem com o “real”, resultando, portanto, de uma “prática discursiva”.

Hall chama atenção para o fato de que “toda sociedade ou cultura tende, com diversos graus de clausura, a impor suas classificações do mundo social, cultural e político” (2003, p. 396), instituindo uma ordem cultural dominante, que, apesar de ser assim denominada, não é unívoca, muito menos imune a contestações. Os domínios discursivos se organizam de maneira hierárquica, propondo sentidos *dominantes* ou *preferenciais*, que oferecem uma espécie de mapa por meio do qual todos os acontecimentos serão significados. Porém, não em via de mão única, pois embora esses sentidos dominantes operem de maneira a se legitimarem e se tornarem plausíveis no processo de decodificação, tentando induzir a uma leitura preferencial dos acontecimentos, raramente ela poderá se consumir empiricamente de forma totalmente eficaz.

Em vista disso, há sempre uma decodificação negociada dos acontecimentos por parte dos receptores dos *media*, envolvendo, ao mesmo tempo, uma mistura de elementos de adaptação e de oposição. Nesse jogo, o receptor reconhece a legitimidade das definições hegemônicas, “em um nível mais restrito, situacional, mas faz suas próprias regras – funciona com as exceções à regra” (HALL, 2003, p.401). As falas dos interlocutores da pesquisa indicam essa negociação de sentidos e as leituras a contrapelo dos sentidos que lhes são ofertados pelos *media*.

Na próxima seção, discutimos como ativamente os *media* contribuem para modelar realidades e propor leituras preferenciais dos acontecimentos a partir dos enquadramentos que produzem dos fatos. Também são apresentados os procedimentos metodológicos que adotamos para a análise do material empírico.

abrange a imagem de quem fala (enunciador); a imagem daquele a quem o discurso é endereçado (o destinatário) e a relação entre eles, “que é *proposta* no e pelo discurso” (VERÓN, 2004, p. 217-218). Enunciador e destinatário são tomados como *entidades discursivas*.

3 MÍDIA E OPERAÇÕES DE SENTIDO

Os *media* configuram-se como instâncias simbólicas centrais na vida social (MAIA, 2012). Giddens (2002, p. 32) é enfático ao afirmar que “nas condições de modernidade, os meios de comunicação não espelham realidades, mas em parte as formam”. Essa percepção já, em grande medida consensual nos estudos de comunicação, mostra-se muito relevante para a linha argumentativa aqui proposta. Dada a dimensão que assumiram e seu grau de penetração na vida social, os *media* são também construtores de realidades, atores ativos na mobilização e construção de sentidos que emolduram nossa forma de ver o mundo.

Nesse sentido, a linguagem participa da própria construção da dimensão social (BATESON, 2002; QUÉRÉ, 1999). De acordo com Quéré (1991, p. 7), entender uma linguagem “implica compreender as atividades sociais da qual é parte integrante, compreender aquilo que articula as práticas, as orientações e as relações das pessoas em uma ‘forma de vida’”. Para França (2010, p. 41), a complexidade da linguagem faz parte da organização de nosso “estar no mundo”. A organização dessa experiência, segundo Goffman (2012), é construída a partir da ideia de *quadros* como princípios organizadores da realidade social. Ele define quadro como os elementos que organizam e governam os acontecimentos sociais e que são utilizados na definição das situações. Goffman (2012) afirma que a análise de quadro ou enquadramento consiste justamente na análise da organização da experiência, isto é, na maneira como percebemos os elementos de um determinado quadro em uma dada situação.

De *Frame Analysis* (GOFFMAN, 1974) até hoje, o conceito de enquadramento ganhou novos contornos e usos nos estudos da área de comunicação. Muitas pesquisas equivalem *frame* a angulações da maneira pela qual os assuntos são abordados pelos *media* e/ou os efeitos que provocam na audiência (PORTO, 2004; DURFEE, 2006; VIMIERIO, 2010). Boa parte dessa trajetória conceitual parte da ideia de que os jornalistas constroem *frames*. Outros estudos abordam de forma mais ampla a noção de enquadramento, considerando a sua ressonância cultural (GAMSON; MODIGLIANI, 1989; REESE, 2001).

Para Goffman (1974; 2012), os enquadramentos ou quadros de sentido são princípios organizadores que permitem tornar determinada situação inteligível, são padrões persistentes de entendimento de experiências no mundo. Para explicar esse conceito, o autor (1974; 1981; 2012) refere-se constantemente à pergunta: “O que é isso que está acontecendo aqui?”.

Portanto, enquadramento diz necessariamente dos recursos sociais e culturais que as pessoas utilizam para definir uma situação. De acordo com Mendonça e Simões (2012, p. 198):

Quadros não são simplesmente perspectivas ou opiniões, mas laços intersubjetivos que atravessam relações humanas e as estruturam. Sem desconsiderar que possam ser mobilizados estrategicamente, é preciso ter em mente que quadros são estruturas simbólicas que vinculam atores sociais e são por eles transformadas.

Assim, ao olharmos para a construção ou acionamento desses quadros de sentido sobre o jovem residente em bairros periféricos nos *media*, buscamos compreender como esses sentidos são organizados e como reverberam e são influenciados pelo contexto social mais amplo. Para tanto, partimos da análise discursiva de conteúdo, tal como sistematizada por Mendonça e Simões (2012, p. 193), a partir da qual “busca-se pensar a maneira como o próprio conteúdo discursivo cria um contexto de sentido, convocando os interlocutores a seguir certa trilha interpretativa”.

3.1 Delimitação e Detalhamento do Corpus

A amostra selecionada para o *corpus* da análise busca desvelar os significados presentes nos dois jornais de maior circulação no Pará, O Liberal e Diário do Pará, como mencionado antes, em torno da temática jovens/juventude(s). Foram analisadas trinta edições de cada jornal durante um mês (18 de abril a 18 de maio). Ao todo, foram encontrados e sistematizados 408 textos publicados nos dois jornais, sendo 240 em O Liberal e 168 no Diário do Pará, conforme demonstrado na Tabela 1. É possível afirmar que o tema apareceu com razoável frequência, o que não quer dizer necessariamente relevância no contexto da edição, em ambos os jornais. Em todas as edições, foi possível encontrar pelo menos uma matéria que fizesse referência a jovens/ juventude.

Tabela 1 – Distribuição dos textos por gêneros jornalísticos

Gênero Jornalístico	Jornal O Liberal	Jornal Diário do Pará
Notas	7	3
Artigos de Opinião	3	9
Matéria/Reportagem	230	156
TOTAL	240	168

Fonte: Brito (2014).

Os textos foram organizados a partir de onze categorias, definidas em função das temáticas que foram se apresentando no decorrer do exame do material. Na Tabela 2, é

possível visualizar a distribuição de textos por categorias, destacando, porém, que eventualmente a mesma matéria pode ser enquadrada em mais de uma categoria, motivo pelo qual a somatória das matérias presentes na tabela não corresponde à totalidade das matérias que compõem o *corpus*.

Tabela 2. Distribuição das matérias por categorias

Categorias	Diário do Pará	O Liberal
Divulgação de atividades promovidas/executadas por jovens	2	8
Divulgação projeto cultural/educativo para jovens	1	6
Juventude e vida estudantil	5	12
Juventude e políticas públicas	7	19
Juventude e religião	2	3
Juventude e beleza/estética	5	2
Juventude e família	3	3
Juventude e saúde	3	2
Juventude e violência (matérias não factuais)	5	8
Jovem vítima de ato violento/crime (matérias factuais)	51	79
Jovem autor de ato violento/crime (matérias factuais)	94	123

Fonte: Brito (2014).

As matérias selecionadas foram publicadas nas principais editorias dos dois jornais, excetuando-se os cadernos esportivos e as colunas sociais ou outras do gênero, voltados a retratar os jovens em atividades de lazer⁷, que por um critério de escolha não fizeram parte do *corpus*.

3.2 Análise: o Jovem como *Outro* da Mídia

Na análise do material, a primeira e mais contundente constatação, expressa em números na Tabela 2, é a significativa incidência de matérias que associam o jovem à violência. Há uma desproporção entre as matérias sobre essa temática e as que tratam de todos os demais assuntos relativos ao jovem e à juventude. Assim, para permitir um maior detalhamento analítico, subdividimos violência em três categorias: (a) a primeira, mais genérica, de matérias não factuais que tratam do tema juventude e violência; (b) a segunda, com incidência muito expressiva, em que os jovens aparecem, em matérias factuais, como vítimas de atos violentos ou crimes; e a última (c), com maior ocorrência, em que os jovens são apontados, também em registros factuais, como autores de atos violentos ou crimes.

⁷Como Baladas e Badalados no Diário do Pará, que se resume a um registro fotográfico de jovens em baladas noturnas, e TeenTroppo (O Liberal).

Se tomadas as três categorias acima citadas, que estabelecem de diferentes maneiras o nexo entre jovem e violência. Das 168 matérias analisadas no jornal Diário do Pará, 150 tratam do tema, respondendo por 89% do total. Enquanto isso, no jornal O Liberal, verifica-se um percentual muito próximo, de 87,5%, pois do total de 240 matérias, 210 abordam o tema violência x juventude. É importante destacar também que essas matérias localizam-se primordialmente na editoria de polícia: 127 matérias no Diário do Pará (77% do total) e 173 em O Liberal (72% do total).

Tal regularidade e incidência do tema violência associado aos jovens e à juventude é reveladora dos *modos de dizer* a juventude, no sentido proposto por Verón (2004). E não se trata apenas dos enunciados, mas da *enunciação* dos dois principais veículos da imprensa escrita local, ou seja, das *modalidades do dizer*. Por essa razão, e considerando-se também o entendimento de Verón de que a imprensa escrita é uma espécie de “laboratório” para se entender as transformações dos diferentes grupos sociais, podemos dizer que o grupo social dos jovens é enquadrado pela imprensa local como um grupo essencialmente vinculado à violência urbana, seja como seu alvo, seja como protagonista da violência que se disseminou nos últimos anos, não só pela cidade de Belém como por todas as demais capitais e cidades médias do Brasil⁸.

A ênfase na associação entre juventude e violência é coerente com o enquadramento do *jovem como problema social*, ou como segmento social em *situação de risco*, a partir do qual esses sujeitos são considerados como “indivíduos *em perigo*, ou *perigosos* (para si mesmos, para seus familiares, para os cidadãos de bem, para a sociedade), que necessitam da análise, do controle, da proteção e da supervisão particularmente atenta e constante das instituições do poder (FREIRE FILHO, 2006, p. 48, grifos do autor).

Segundo o autor, as representações dominantes em relação ao jovem – seja no discurso político, acadêmico, midiático ou corporativo – ora o constituem como *questão de Estado*, ora como *ideal de mercado*. Cada uma dessas duas vertentes alimenta-se de duas imagens estereotipadas em torno do segmento juvenil, que são recorrentes e se atualizam em diferentes

⁸Pesquisa recente desenvolvida pela ONG mexicana Conselho Cidadão para a Segurança Pública e Justiça Penal aponta Belém como a 23ª cidade mais violenta do mundo (na pesquisa anterior, de 2013, era a 26ª, portanto piorou sua posição no ranking), com uma taxa de 48,23 homicídios por 100 mil habitantes. Belém só é superada, no país, por Fortaleza (7º lugar) e Maceió (5º). Dados extraídos da matéria “Belém é a 23ª cidade mais violenta do mundo”, disponível em <<http://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-271097-belem-e-a-23-cidade-mais-violenta-do-mundo.html>>. Acesso em 30/01/2014.

instâncias e contextos: a *juventude como problema* e a *juventude como diversão*. São dois quadros de sentido que são acionados e atualizados de modo específico pelos jornais analisados.

Nessa última, os jovens aparecem como “os ‘caçadores de emoção’, os ‘consumados consumistas’ associados a entretenimentos excitantes, sadios e politicamente inócuos, prazeres descomprometidos, estilos de vida exóticos, fulgurantes [...] ou, no limite, a formas mercadorizadas de rebeldia bem-comportada (FREIRE FILHO, 2006, p. 48-49).

Retoma-se a discussão de violência simbólica de Bourdieu (1989; 2007), para inferir o que o autor chamará de reprodução de relações desiguais entre as classes, quando analisa o sistema de ensino, introduzindo nas reflexões, o conceito de habitus em que os indivíduos asseguram a reprodução social. Nas palavras de Bourdieu (2007), o habitus é um “sistema de disposições socialmente constituídas que, [...] constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (1989, p. 191). O habitus aglutinaria tanto as representações de si como da realidade, assim como as práticas sociais em que os indivíduos estão imersos.

De acordo com o material analisado, os conteúdos discursivos dos jornais dizem respeito a dois mundos distintos, tomando como referência as duas imagens da juventude citadas por Freire Filho: (a) o mundo dos bem nascidos, filhos das elites urbanas, ou da parcela mais abastada das camadas médias, de um lado; e (b) o mundo dos excluídos, filhos das camadas populares, de outro. Os primeiros têm acesso franqueado ao consumo, aos direitos de cidadania, à educação, ao lazer, enquanto os demais vivem em situação de precariedade econômica e social, nas franjas das metrópoles, em lugares tidos como tipicamente violentos, sem ter acesso aos direitos de cidadania.

Essa clivagem de classe, do mesmo modo que se traduz na segregação espacial urbana, também reverbera no espaço dos jornais locais. Nesses veículos, os jovens das camadas populares figuram principalmente como “personagens” das matérias da editoria de polícia, enquanto os filhos das camadas médias ou das elites só aparecem em espaços mais *nobres* dos jornais, como cadernos dominicais, por exemplo, muitas vezes relacionados a práticas de consumo e de lazer. Na amostra analisada, não há incidência de matérias que façam referência positiva aos jovens das camadas populares. Também não há registro de participação de jovens de camadas mais abastadas em atividades criminosas, na cobertura da reportagem policial. Outro aspecto a ser ressaltado é que, mesmo quando os jovens são referidos genericamente, em diferentes atividades na cena urbana, suas vozes raramente

aparecem nas matérias. Agentes públicos de diferentes esferas do Estado, pesquisadores e especialistas em geral falam por eles.

Observamos, ainda, que há uma naturalização do vínculo estabelecido entre a pobreza e a criminalidade. A criminalidade aparece como um caminho natural – e até certo ponto inevitável – para os jovens das camadas populares. Ao mesmo tempo, a eventual perda de suas vidas é transformada em ato banal, que não causa qualquer incômodo ou mal-estar social, pois eles são como que vítimas *previsíveis* da violência. Como nos enunciados abaixo:

Um rapaz acusado de envolvimento com criminalidade foi morto com três tiros ontem à noite no Distrito de Mosqueiro, em Belém. Edson Oliveira dos Santos Souza, conhecido como 'Marajazinho', de 18 anos, já havia sofrido um atentado na última quarta-feira. Ontem, no entanto, não conseguiu fugir dos assassinos. ("Assaltante eliminado a tiros por desafetos", Caderno Polícia: O Liberal, 25 de abril 2013, p. 3).

A liberdade durou pouco para o adolescente Walmir Rodrigo da Silva, 16 anos, que havia acabado de sair da divisão de atendimento ao adolescente (DATA) onde respondia pela infração de latrocínio [...]. ("Suspeito de latrocínio é morto ao sair da delegacia". Laís Azevedo, Caderno Polícia, Diário do Pará, 15 de maio 2013, p. 3).

Os jovens retratados da maneira exposta acima nas páginas policiais são pobres, quase sempre negros e moradores de bairros ou regiões periféricas⁹. O tratamento a eles dispensado na cobertura policial, fruto de uma sociedade com senso hierarquizado de justiça, está incorporado pelas rotinas produtivas da notícia, na escala que Suzana Varjão (2008) chama de *micropoderes* – uma rede representada pelos repórteres policiais e pelos próprios policiais que são fontes das matérias¹⁰ –, que se coaduna com a escala mais ampla, dos *macropoderes*, em uma dimensão macrosociológica.

Nas tramas de poder que atravessam o campo da comunicação midiática – que envolvem agentes, conhecimentos e práticas –, como destaca Varjão, não há anjos ou

⁹O Brasil ocupa uma das primeiras posições em homicídios em nível internacional. Os jovens são alvos preferenciais destes, tendência que tem se acentuado flagrantemente desde que começou a ser feito o mapa da violência pelo governo federal. Só que essas mortes são seletivas, pois morrem proporcionalmente muito mais jovens negros que brancos. Tanto que em novembro de 2012 foi lançado pelo governo brasileiro o “Plano Nacional de Prevenção à Violência contra a Juventude Negra”. No período de apenas oito anos (2002-2010), que o mapa recobre, morreram 128 mil pessoas negras a mais do que brancas. Em 2010 morreram três vezes mais jovens negros do que brancos. As mortes de jovens brancos respondem por 30,6% do total (2002-2010), enquanto que as de jovens negros equivalem a 69,1% do total no mesmo período.

¹⁰Muitas das vezes por meio da transcrição quase literal, embora não admitida, dos boletins das ocorrências policiais, como afirma Suzana Varjão (2008, p. 196).

demônios. “Há engrenagens automatizadas, naturalizadas e incorporadas às rotinas produtivas dos jornais, que, à revelia dos que as operam, emitem discursos estruturantes de um quadro social próximo à barbárie” (VARJÃO, 2008, p. 195).

Os jovens das camadas populares oscilam, então, entre a invisibilidade, em suas áreas de moradia precária, onde experimentam privações materiais e simbólicas de todas as ordens, e a busca por visibilidade e reconhecimento social, o que, no entanto, muitas vezes resulta no que Sales (2007) chama de “condição de visibilidade perversa”. Uma visibilidade que é seletiva, intensificada pelo preconceito e medo da violência, e que reproduz o estigma da periculosidade que historicamente acompanhou os setores mais pauperizados das classes trabalhadoras urbanas. O material encontrado nos dois jornais paraenses conduz à visibilidade perversa a que se refere a autora, dos jovens pobres, moradores das áreas periféricas de Belém, ligados ou não à criminalidade – mas igualmente associados à violência –, cujas mortes não causam qualquer comoção, em vista de sua *insignificância* social, nos termos aqui discutidos.

De outro lado, no enquadramento *juventude como diversão*, apontado por Freire Filho (2006), oposto à *juventude como problema*, embora seja baixa a incidência de matérias no corpus analisado, é possível estabelecer um claro contraponto com as matérias comentadas até aqui. O lazer e o entretenimento parecem ser exclusividade dos jovens das parcelas mais abastadas das camadas médias e das elites. Em geral, essa juventude é branca e sua imagem é *naturalmente* associada ao entretenimento e à variedade das oportunidades de lazer e de consumo. O texto “Minha viagem de formatura” é bastante elucidativo a esse respeito:

O tão sonhado baile de formatura cedeu espaço para as viagens. Foi-se o tempo em que as mulheres sonhavam com o vestido do grande dia. Diversão é a palavra de ordem para as futuras formandas que, com um ano de antecedência, organizam o orçamento para não poupar nas programações durante o passeio”. (“Minha viagem de formatura”. Ana Karenyna, Caderno Troppo: O Liberal, 05 de maio 2013, p. 8).

As jovens citadas na matéria planejam um “roteiro de lugares paradisíacos para se aventurar com uma turma de amigas”. A viagem, a cargo de uma agência especializada, é planejada antecipadamente “para não poupar nas programações durante o passeio”. Aqui, a palavra é franqueada para que, por meio de uma entusiasmada narrativa, a experiência das três sirva de orientação para outras que queiram fazer a mesma opção. Os destinos prováveis são até sugeridos na matéria: Porto Seguro, Florianópolis, Cancún, Disneyworld, entre outros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do artigo era analisar como são construídas no espaço de visibilidade midiática representações simbólicas sobre o jovem, em especial, o que vive em bairros periféricos, e como os jovens dialogam com essas representações. Em todos os materiais aqui examinados, uma constatação se impõe: os aparatos dos *media* acionam cotidianamente em suas operações discursivas – muitas delas já automatizadas nas rotinas de produção do material noticioso –, quadros de sentido que estabelecem linhas divisórias, claras ou mais dissimuladas e sutis, que interferem nos modos como os sujeitos, jovens ou não, veem a si próprios no mundo social. Esse aprendizado diário, à maneira de Foucault, os leva a introjetarem as hierarquias do poder reinantes e chega a atingir “o grão fino da individualidade” (2001, p. 57).

De outro lado, evidencia-se que as vivências juvenis tecem, por elas mesmas, contrapontos aos quadros de referência instituídos discursivamente pela mídia. Os jovens entrevistados percebem essa forma de tratamento dispensado pela mídia. A não identificação com as imagens projetadas, contrastando com os significados extraídos da sua vida cotidiana, é a fonte da recusa para os registros que lhes soam exóticos e carregados de preconceito nos discursos midiáticos.

O jovem, assim, é um dos outros da mídia e essa relação de alteridade foi sempre marcada por assimetrias e por enquadramentos que dizem respeito a jovens de diferentes segmentos sociais. Os jovens das páginas policiais em geral são pobres, moram nas áreas periféricas da cidade e, quase sempre, são negros. A juventude branca, de classe média ou mesmo das elites, ganha espaços mais valorizados na imprensa local, como os suplementos dominicais, geralmente associada a matérias de comportamento, eventos sociais e lazer. Os dados apresentados revelam uma dimensão ética que se perdeu nas maneiras de representar diferentes segmentos sociais e realidades diversas por eles vividas, muitas vezes encobertas pelo véu estigmatizante dos discursos midiáticos.

REFERÊNCIAS

BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B.; GARCEZ, P. **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 85-105.

BECKER, H. S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BOURDIEU, P. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007

_____. **O campo econômico**: a dimensão simbólica da dominação. Campinas: Papirus, 2000.

BRITO, Rosaly de S. **Diferentes, desiguais e conectados (?)** vivências juvenis, representações midiáticas e negociação de sentidos na cena metropolitana. 250f Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém, 2014.

CAL, Danila. Luta pública contra o trabalho infantil doméstico: implicações democráticas das ações de *advocacy*. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 2, p. 211-242, 2015.

CAL, Danila. **Comunicação e Trabalho Infantil Doméstico**: política, poder, resistências. Salvador: EDUFBA, 2016. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19357>>. Acesso em 01 jun. 2016

COSTA, Alda C. **O embate entre o visível e o invisível**: a construção social da violência no jornalismo e na política. 349f, Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2010.

DURFEE, J. "Social change" and "status quo": framing effects on risk perception: An Exploratory Experiment, **Science Communication**, 2006. Disponível em <<http://scx.sagepub.com/content/27/4/459>>. Acesso em 01 dez. 2013.

ELIAS, N. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FRANÇA, V. Impessoalidade da experiência e agenciamento dos sujeitos. In: LEAL, B.; MENDONÇA, C.; GUIMARÃES, C. (Org.); **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 39-56.

FREIRE FILHO, J. Formas e normas da adolescência e da juventude na mídia. In: FREIRE FILHO, J.; VAZ, P. (Org.). **Construções do tempo e do outro**: representações e discursos midiáticos sobre alteridade. Rio de Janeiro, Mauad X, 2006, p. 37-63.

FREIRE FILHO, J. Retratos midiáticos da nova geração e a regulação do prazer juvenil. In: BORELLI, S.; FREIRE FILHO, J. (Org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: Educ, 2008a, p. 33-57.

GAMSON, W; MODIGLIANI, A. Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach, **The American Journal of Sociology**, Vol. 95, N. 1 (Jul., 1989), pp. 1-37.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GOFFMAN, E. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. Cambridge: Havard University Press, 1974.

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise; tradução de Gentil A. Titton.** – Petrópolis, RJ: Vozes: 2012.

GOMES, W. O que há de comunicação na comunicação política? In: GOMES, W. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 41-81.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

MAIA, R. C. M. **Mídia e deliberação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. v. 1. 380p

MAIA, R.C.M. **Deliberation, the media and political talk**. New York, NY: Hampton Pres, 2012.

MENDONÇA, R.; SIMOES, P. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito **Rev. Bras.Ci. Soc.** [online]. 2012, vol.27, n.79, pp. 187-201. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092012000200012>>. Acesso em 10 mar. 2015.

MOULLAUD, M. Da forma do sentido. In: MOULLAUD, Maurice; PORTO, Sergio Dayrell. (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. 3. ed. rev. ampl. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012b, p. 47-53.

NEIBURG, F. A sociologia das relações de poder de Norbert Elias (apresentação à edição brasileira). In: ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 7-11.

NOVAES, R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel M.; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p.105-120.

PORTO, M. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, Albino. **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador: EDUFBA, 2004, p. 74 a 104.

QUÉRÉ, L. D'un modèle épistemologique de la communication à um modele praxéologique. **Réseaux**, Paris, CNET, n. 46/47, p. 69-90, mar-abril, 1991.

REESE, S. Prologue – Framing Public Life: a bridging model for media research In: REESE, Stephen D. GARDY Jr., Oscar H. GRANT, August E. **Framing Public Life:**



perspectives on media and our understanding of social world. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2003, p. 07 a 31.

RIBEIRO, G. **A condição da transnacionalidade**. Brasília: Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Série Antropologia, 1997, p. 2-34.

SALES, M. **(In)visibilidade perversa: adolescentes infratores como metáforas da violência**. São Paulo: Cortez, 2007.

STÜCKER, A. **A periferia nos seriados televisivos Cidade dos Homens e Antonia**. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2009.

VARJÃO, S. **Micropoderes, macroviolências**. Salvador: Edufba, 2008.

VELHO, G. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, M. M.; EUGENIO, F. (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 192-200

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

VIMIERIO, A. **Cultura pública e aprendizado social: a trajetória dos enquadramentos sobre a temática da deficiência na imprensa brasileira (1960-2008)**. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

WAISELFISZ, J. **Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil**. Rio de Janeiro, 2014.

ZALUAR, A.; LEAL, M. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 16 N. 45, 2001, p. 146-164.



Original recebido em:

Aceito para publicação em:

Rosaly de Seixas Brito

Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Jornalista. Doutora em Ciências Sociais – Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA.

Danila Gentil Rodriguez Cal

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (Unama) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista de Pós-Doutorado (CNPq-EME/UFMG). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (Unama) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Alda Cristina Silva da Costa

Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Jornalista. Doutora em Ciências Sociais (UFPA). Docente da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

